

Alberto Caeiro

## XXXIV — Acho tão natural que não se pense

XXXIV

Acho tão natural que não se pense  
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,  
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa  
Que tem que ver com haver gente que pensa...

Que pensará o meu muro da minha sombra?  
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim  
A perguntar-me coisas...  
E então desagrado-me, e incomodo-me  
Como se desse por mim com um pé dormente...

Que pensará isto de aquilo?  
Nada pensa nada.  
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?  
Se ela a tiver, que a tenha...  
Que me importa isso a mim?  
Se eu pensasse nessas coisas,  
Deixaria de ver as árvores e as plantas  
E deixava de ver a Terra,  
Para ver só os meus pensamentos...  
Entristecia e ficava às escuras.  
E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.

s. d.

“O Guardador de Rebanhos”. In **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10<sup>a</sup> ed. 1993): 59.